

O JORNALISTA NA PESQUISA E NA ARTE

Copyright © 2013
SBPJor / Associação
Brasileira de
Pesquisadores em
Jornalismo

BEATRIZ MAROCCO
Unisinos

RESUMO - O jornalista tem sido objeto das artes e das ciências. Nesta incisão no tema do painel "Configurações e perspectivas da pesquisa em jornalismo no Brasil em diálogo com os estudos latino-americanos em jornalismo", realizado no encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor, (Curitiba, 10/11/2012), reconheci que o âmbito acadêmico projeta dois tipos de ação: em rede de pesquisadores de diferentes países e regiões do mundo, com participação de países da América Latina, na pesquisa colaborativa e em projetos de investigação com outras bases de colaboração. Ambas as modalidades dialogam com a produção do cinema e da literatura - que visibiliza a grande potência do profissional para tramas e tensões.

Palavras-chave: Jornalista. Arte. Pesquisa. Entrevista.

EL PERIODISTA EN LA INVESTIGACIÓN Y EN EL ARTE

RESUMEN - El periodista ha sido objeto de las artes y de las ciencias. En este inciso en el tema del panel sobre "Configuraciones y perspectivas de la investigación en periodismo en Brasil en diálogo con los estudios latinoamericanos en periodismo", realizado en el encuentro de la Sociedad Brasileña de Investigadores en Periodismo (Curitiba, Brasil, 10/11/2012), reconocí que el ámbito académico proyecta dos tipos de acción: en red de investigadores de diferentes países y regiones del mundo, con participación de países de América Latina, en investigación colaborativa, y en proyectos de investigación con otras bases de colaboración. Ambas modalidades dialogan con la producción del cine y la literatura, lo cual visibiliza la gran potencia del profesional para tramas y tensiones.

Palabras clave: Periodista. Arte. Investigación. Entrevista.

THE JOURNALIST IN RESEARCH AND ART

ABSTRACT - The journalist has been the subject of arts and sciences. By this insertion in the theme of the panel "Settings and perspectives of journalism research in Brazil in dialogue with Latin American studies in journalism", held at the meeting of Brazilian Association of Journalism Researchers, SBPJor (Curitiba, November 10th 2012) I recognized that the academic sphere outlines two types of action: network researching in different countries and regions of the world, with the participation of Latin American countries in collaborative research; and research projects with other collaboration bases. Both modalities dialogue with the production of movies and literature - which makes visible the professional's great power for plots and tensions.

Keywords: Journalist. Art. Research. Interview.

No presente que nos cerca, o estágio tecnológico, que expõe a sociedade a um ritmo quase incontrolável de informações sobre a atualidade, torna estratégico o conhecimento sobre o agente legitimado para operar com informação e interferir no processo de produção do regime de dizibilidade/visibilidade dos discursos sociais. Desde Weber (1910 apud MAROCCO; BERGER, 2006), o projeto de ouvir os jornalistas tem sido cogitado como uma via estratégica para a compreensão do jornalismo em uma série de derivações: nos estudos da sociologia das profissões, nos estudos culturais, nos estudos de jornalismo, nos estudos da linguagem, no cinema e na literatura. Nesse sentido, muito se tem visibilizado, desde diferentes disciplinas até o funcionamento das redações. Um sem-número de reflexões com ou sem pretensão de cientificidade foi produzido fora e mesmo no interior das redações, com base na memória profissional, pesquisa bibliográfica, análise do discurso, nas etnografias e nos estágios de diferentes durações de observação participante, além de *surveys* e entrevistas com jornalistas.

É preciso reconhecer igualmente que o profissional repercute (e, muitas vezes, debate-se com) um tipo de jornalismo ambíguo, incompleto, que renega a herança do completo e do definitivo que se afirmava na busca da verdade herdada do projeto modernista. Um jornalismo que se depara com a imensa fluidez das suas fronteiras diante do avanço tecnológico, que está mais distante do marco da objetividade e mais próximo do pensamento contemporâneo, embora ainda predominem as estratégias discursivas que dão invisibilidade ao sujeito da produção. Poder-se-ia sugerir que, para além das condições de parentesco e rejeição da literatura, que caracterizaram a ruptura de passagem do limiar de epistemologização à cientificidade do jornalismo brasileiro, há marcas paradoxais de realidade e de imaginação nos relatos contemporâneos; com elas, múltiplos tensionamentos inscrevem-se no bojo do jornalismo, os quais aparecem, claramente, na grande reportagem, no *fait divers* e nas imagens.

1 POROSIDADE DISCIPLINAR

O interesse pela figura do jornalista que opera nos regimes históricos do jornalismo está registrado em um amplo conjunto de produções descontínuas, dispersas e desdisciplinares que não temos a pretensão de esgotar neste ensaio. No pequeno inventário de produções recortado, é possível inferir que as ações dos jornalistas na redação e fora dela foram objeto das artes e das ciências, sugerindo a permeabilidade do campo disciplinar em torno de tal objeto, da proeminência de traços

transnacionais e históricos dessa figura e da sua inseparabilidade das formas de socialização e cultura capazes de criação.

Balzac, em sua obra *Ilusões Perdidas*, escrita entre 1835 e 1843, e Lima Barreto, em *Recordações do escrívão Isaiás Caminha* (1909) muito provavelmente inauguraram as descrições de uma panóplia de personagens no ambiente pérfido e corrompido do jornal. Uma década atrás, Carl Hiaasen, em *Caso perdido* (2008), retomou o filão aberto na literatura, com a figura do jornalista veterano esquecido na coluna de necrológio, que reflete e repele, simultaneamente, os traços do repórter entediado que manipula o resgate de um homem preso em uma montanha interpretado por Kirk Douglas no filme *A montanha dos sete abutres* (BILLY WILDER, 1951). Ambos desejam voltar ao primeiro time de jornalistas, utilizando, porém, estratégias maniqueístas e simplificadoras do “bom” e do “mau jornalismo”.

Nos Estados Unidos, há uma literatura diversificada em que pesquisadores contemplam historicamente a profissão ou seu desdobramento em uma “comunidade interpretativa”, no “profissionalismo” e nas formas de controle das redações.

Robert Park, em seu pioneirismo, não produziu um pensamento voltado à profissão. Em seus artigos sobre jornalismo, o que aparece são reflexões sobre a sua trajetória dupla. Park percebeu a potência do jornalismo desde as posições que ocupou, ora no exercício do jornalismo, ora como professor e pesquisador na Escola de Sociologia de Chicago. Desse modo, apresentou três características do campo. Primeira: em relação à época em que trabalhou em redações de jornal, Park reconheceu o desejo que tinha de exercer o jornalismo para “moldar a opinião pública”. Segunda: na academia, Park comparou o jornalista urbano ao sociólogo, afirmando que o jornalista cumpria o papel de um sociólogo informal e intuitivo, que atuava como o censor moral de uma audiência que estava muito dispersa e sobre a qual já não era mais possível controlar diretamente. Terceira: em 1923, Park disse que o jornalista deveria aprender a olhar a vida social e política de uma maneira objetiva e deixar de pensar somente em termos morais (CONDE, 2000; PARK, 1923).

Na perspectiva de uma sociologia das profissões, a socióloga norte-americana Gaye Tuchman (1983) dedicou-se a uma longa observação de um sem-número de redações, durante onze anos, para dar consistência ao livro *A produção da notícia*, que, em suas palavras:

É um estudo das compulsões do trabalho informativo e dos recursos que os informadores dispõem. É um estudo dos

informadores enquanto profissionais e dos jornais e serviços informativos da TV como organizações complexas. É um estudo dos métodos de investigação: como os informadores determinam os fatos e demarcam os acontecimentos e debates pertinentes para nossa vida cívica compartilhada (TUCHMAN, 1983, p. 11).

No artigo *Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa*, Barbie Zelizer (2000) afirmou que os jornalistas criam uma comunidade que não passa pelo quadro da profissão graças aos discursos sobre acontecimentos que são marcos da cobertura jornalística. Um exemplo é Watergate. Da cobertura feita por Woodward e Bernstein, no final dos anos 1970, derivaram diretrizes sobre a forma de usar as fontes não identificadas. Em uma perspectiva durativa, o acontecimento foi reenquadrado para abarcar algo instrumental. Nessa perspectiva, Watergate foi chamado de “o mais decisivo dos acontecimentos para a ascensão do jornalismo investigativo”. Assim, o “caso Watergate” passou de uma discussão específica sobre técnicas de apuração das fontes para um discurso sobre um *continuum* mais amplo das práticas em torno da reportagem investigativa.

Já no Brasil, o registro de pesquisas sobre o jornalista é mais recente. No âmbito dos estudos antropológicos, encontramos o trabalho de Isabel Travancas sobre a constituição da identidade do profissional de diferentes tipos de veículo de comunicação no Rio de Janeiro. N’*O mundo dos jornalistas* – título do livro que dá conta do lugar dos jornalistas, em que se constitui uma rede de relações e no qual se define a organização social dos jornalistas – Travancas ouviu em entrevistas um grupo de 50 profissionais de duas gerações (jovens profissionais e jornalistas há vinte ou trinta anos) e acompanhou-os em suas jornadas de trabalho e festas. Os resultados a que chegou parecem muito próximos de imagens que circulam na literatura e na cinematografia sobre a profissão de jornalista: que o jornalismo exige de seus eleitos uma “adesão [...] de tal ordem que impede muitas vezes que outras atividades ou setores de suas vidas tenham maiores dimensões”, que a noção de poder para esse segmento “está muito relacionada com o Estado, autoridade, política e força econômica”, que o jornalismo, por conseguinte, leva a um sentimento de poder que é falso, a uma “ilusão de poder”, considerada pelos entrevistados como um dos mais graves “perigos” da profissão (TRAVANCAS, 1992, p. 13, 96-97).

Em consulta ao Banco de Teses da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), localizamos no Brasil a investigação de Fábio Henrique Pereira, da UnB, que põe foco no segmento dos jornalistas-intelectuais. Na tese *Os jornalistas-intelectuais*

no Brasil – identidade, práticas e transformações no mundo social, de 2008, Pereira selecionou dez jornalistas, por sua notoriedade intelectual e seu pertencimento ao meio jornalístico, quais sejam: Adísia Sá, Alberto Dines, Antônio Hohfeldt, Carlos Chagas, Carlos Heitor Cony, Flávio Tavares, Juremir Machado da Silva, Mino Carta, Raimundo Pereira e Zuenir Ventura, para analisar o modo como negociam suas práticas e estatutos no mundo social dos jornalistas.

2 CONSISTÊNCIA PLANETÁRIA

Algumas investigações deram consistência planetária às pesquisas sobre o jornalista. O projeto *The Global Journalist* (1998) reuniu resultados de pesquisa realizada em 21 países e territórios sobre as condições de trabalho e os valores profissionais de 20.280 jornalistas entrevistados durante os anos de 1986 a 1996. Sob tal diversidade geográfica, segundo David Weaver, coordenador do projeto, há dados sobre a profissão, os quais podem ser comparados, além de características básicas relacionadas com a faixa etária, o gênero, ou o nível educacional dos jornalistas. Entre esses dados, podem ser mencionados os valores em torno de funções (contar as notícias rapidamente, analisar e interpretar e investigar os governos), métodos de investigação (sigilo das fontes de informação ou informações pagas), diferentes aspectos do trabalho (autonomia, serviço público) e a imagem dos jornalistas sobre os seus públicos.

Em relação aos jornalistas norte-americanos, os resultados que Weaver obteve no verão de 1992 indicaram que o perfil estatístico do típico jornalista norte-americano era mais ou menos o mesmo de 1982-1983: um homem branco, protestante, graduado, casado, com mais ou menos 30 anos. Quanto ao gênero, homens estão presentes em maior número do que as mulheres nas redações dos 19 países pesquisados, embora em alguns países as mulheres sejam maioria. A proporção média de mulheres nos 19 países foi de 33% e nos Estados Unidos, 34%.

Na comparação entre jornalistas de diferentes áreas, há um alto nível de acordo em relação a não revelar fontes confidenciais. Outras práticas apresentaram grandes diferenças de opinião; pagar por informação secreta, por exemplo. Sobre o uso de documentos do governo sem permissão, houve uma variação entre aprovação de 26%, em Taiwan, e 86% na Grã Bretanha. Em todo o mundo, o jornalismo é uma profissão de jovens, a maioria dos jornalistas tem entre 25 e 44 anos de idade, não sendo típico entre os jornalistas ser graduado em jornalismo. Somente

três países possuem mais da metade de seus jornalistas formados em jornalismo: Espanha, Brasil e Chile. No Chile e no Equador, entre 80 e 90% dos entrevistados possuía graduação universitária; no Chile, 70% haviam completado formação acadêmica em jornalismo.

Quanto às características dos jornalistas brasileiros, os pesquisadores brasileiros Heloiza Herscovitz e Adalberto Cardoso, no âmbito dessa pesquisa, dedicaram-se à mídia impressa. Assim, segundo os pesquisadores, esse profissional, em sua maioria, é branco, visto que apenas 1,7% identificaram-se negros e 4,8% mestiços. Também, em sua maioria, os respondentes eram jovens repórteres, entre 25 e 36 anos, casados, sem filhos, com grau de bacharel, nove ou mais anos de profissão, tendo trabalhado por mais de seis anos na mesma organização. Além disso, mais de 80% disseram não ter religião.

Em outra pesquisa, *Worlds of Journalism*, coordenada por Thomas Hanitzsch, que também tem bases mundiais, enfatiza-se a identificação da cultura própria do jornalismo e as variações culturais existentes de acordo com países, organizações e ambientes profissionais. No âmbito do projeto, iniciado por pesquisadores de 19 países em 2007, a noção de cultura jornalística, inscrita em uma abordagem dimensionalista, compreende três esferas: o domínio da função institucional, epistemologia e ética. Essas três esferas foram subdivididas em sete dimensões básicas: intervencionismo, distância do poder, orientação de mercado, objetividade, dados empíricos, relativismo e idealismo (MOREIRA, 2009; HANITZSCH, 2007). O projeto parte da hipótese de que essas dimensões respondem pela maioria das variações na cultura jornalística que, por sua vez, manifestam-se em três níveis: macro (culturas jornalísticas nacionais), meso (culturas jornalísticas organizacionais) e micro (culturas jornalísticas profissionais).

No Brasil, a pesquisa de campo foi conduzida por Sônia Virgínia Moreira, no período entre 2007 e 2009, com a consolidação e a análise dos dados em 2010. A equipe entrevistou 100 jornalistas em redações de 20 meios de comunicação – impressos e eletrônicos; de abrangência nacional, regional e local; em âmbito privado e estatal. Desse modo, constatou-se que a grande maioria dos jornalistas em atividade em 2009 nas organizações brasileiras de mídia possuía diploma em jornalismo. Quanto ao resultado das entrevistas, houve consenso entre os jornalistas sobre a importância de “informar bem a população”. Na questão aberta sobre elementos essenciais ao desempenho profissional, por exemplo, as palavras que mais apareceram foram: ética, verdade, imparcialidade e precisão.

Já o Grupo de Estudos sobre a profissão no Chile, de interesse nacional, pesquisou quatro culturas profissionais da comunicação: jornalistas chilenos que trabalham em salas de redação; os que não trabalham em salas de redação, mas que produzem conteúdos para as mídias; educadores e profissionais que trabalham com comunicação corporativa; e RP. Para tanto, questionários *online* foram aplicados entre novembro e dezembro de 2009 em quatro zonas territoriais nas quais se concentram 70% da população do país.

Desse modo, percebeu-se que o jornalista típico do primeiro grupo é um profissional com idade inferior a 40 anos, homem, que trabalha com exclusividade na mídia impressa, não tem uma área noticiosa específica e recebe um salário baixo. Em termos político-ideológicos, esse profissional reconheceu-se liberal, mais próximo da esquerda, relativamente satisfeito com seu trabalho. Além disso, ele dá mais importância a aspectos laborais, como salário, segurança no trabalho e conciliação entre vida laboral e familiar, do que a ascensão na carreira. Esse jornalista tem ainda uma concepção muito pluralista de seus papéis profissionais. Rechaça promover e defender as autoridades e considera fundamental vigiar os grupos de poder, assim como o comportamento da sociedade. Paralelamente, considera fundamental privilegiar a educação dos cidadãos e defende a necessidade de satisfazer às necessidades comerciais do jornalismo, como, por exemplo, buscar altos níveis de audiência e entregar ao público entretenimento e lazer. Em termos de formação acadêmica, existe consenso em relação à necessidade dos estudos formais de jornalismo, embora eles considerem que a formação que estão recebendo é regular ou má. Seu nível de autonomia é moderadamente alto; mais de 30% afirmaram que o seu trabalho é sempre editado por terceiros.

No Brasil, está tomando forma um projeto que pretende fazer um levantamento do perfil da profissão no país. A pesquisa do Núcleo de Estudos sobre Transformações no Mundo do Trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina (TMT/UFSC) tem apoio da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Os resultados serão obtidos com a participação espontânea dos profissionais respondendo a um questionário detalhado disponível na internet, sendo comparados a uma amostra selecionada entre mais de 92 mil nomes de registrados em funções jornalísticas no Ministério do Trabalho e Emprego.

É a primeira vez que uma pesquisa com jornalistas brasileiros vai

comparar dados de *websurvey* com levantamentos por amostragem. O coordenador é o professor Jacques Mick, do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC. Até outubro de 2012, a pesquisa *Perfil Profissional do Jornalismo Brasileiro* havia recebido adesão de mais de 2.500 jornalistas de todos os estados (https://pt.surveymonkey.com/s/perfil_jornal_aberto).

3 O JORNALISTA E A PRÁTICA

O jornalista está igualmente no centro de minha pesquisa, que se inscreve na prática e problematiza o saber que circula nas redações de jornal, bem como as variações entre jornalismo de jornais de referência e pequenos jornais do interior e os controles discursivos. Durante dois anos, desenhei outro tipo de esforço colaborativo, diferente das redes de pesquisa até agora descritas. Para isso, houve participação de estudantes da graduação e da pós-graduação da Unisinos, de professores da graduação e da pós-graduação da instituição e, em duas situações, foram realizados seminários com a presença de pesquisadores de outras instituições e profissionais convidados.

O projeto, contemplado com edital universal, abordou a prática jornalística desde a palavra do jornalista. Sob essa ótica, jornalistas falavam por si próprios. Prevalece, portanto, a ação de teoria do pesquisador, em que a teoria é compreendida como prática, local e regional que admite a interferência do pesquisador, o qual é jornalista, e de assistentes de pesquisa, também jornalistas.

Esse projeto cuida, inclusive, de localizar traços do que Bourdieu trata como “ilusão biográfica” dos entrevistados de modo a contrapô-la à vigilância epistemológica. O pensamento de Bourdieu deu consistência à dúvida na ideia de ilusão biográfica, em que se pode considerar a propensão do jornalista a tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos (BOURDIEU, 2006).

Giddens, por outro lado, considera que a margem de desconfiança sobre a fiabilidade dos elementos que os agentes oferecem discursivamente é de interesse relativamente pequeno em relação ao que não é acessível ao conhecimento dos atores, e que é prático por natureza, ou seja, é inerente à capacidade de prosseguir no âmbito das rotinas da vida social (GIDDENS, 2009).

Anthony Giddens chama esta relação jornalista/pesquisador, desde outro lugar, de dupla hermenêutica: a interseção de duas redes de significados como parte logicamente necessária da ciência

social, o mundo social significativo constituído por atores leigos e as metalinguagens inventadas por cientistas sociais fazem com que haja uma oscilação constante de uma rede para outra envolvida na prática das ciências sociais, diz ele (GIDDENS, 2009).

Durante o processo de pesquisa, foram realizadas uma enquete, 17 entrevistas além do Seminário Aberto de Jornalismo, sobre entrevista na prática jornalística e na pesquisa, com apoio do GPJor e recursos do CNPq.

1. Sobre as entrevistas

Na localização e análise dos achados das entrevistas em profundidade com jornalistas, o primeiro deles, mais evidente, foi de que as falas dos entrevistados não caberiam em um “grupo focal”, mas eram adequadas à entrevista qualitativa como método de investigação. Nessas entrevistas, houve insubmissão generalizada dos entrevistados a um roteiro de perguntas e a adesão quase que “natural” a cinco zonas de entendimento da profissão: o hábito de leitura, as experiências de ensino/aprendizagem compartilhadas no âmbito da redação, o crescimento profissional ligado a figuras concretas da redação, o entendimento teórico da atividade e o distanciamento da teoria abstrata.

2. Sobre os seminários

Os autores que participaram do seminário já haviam trabalhado *a* entrevista e *com* a entrevista para dar conta de diferentes problemas na pesquisa científica e no jornalismo. No rico espaço de trocas que se formou entre nós durante esses dois dias, compartilhamos experiências, técnicas e conhecimento acumulados ao longo de nossa vida acadêmica e/ou profissional, que incidiram sobre os textos originais preparados e apresentados no seminário e estão publicados no livro *Entrevista na prática jornalística e na pesquisa*.

Encontram-se, portanto, no livro, em sua versão repensada e ampliada, as conferências de novembro do ano passado. Ou seja, nessa obra, as conferências individuais de um ano atrás foram somadas aos debates e às críticas que se deram entre nós sobre os modos de pensar *a* entrevista e *com* a entrevista, quando se tem indagações de pesquisa ou quando se deve cumprir uma pauta jornalística. Em todas essas instâncias e com cada uma delas, em particular, o projeto ganhou bons e/ou dedicados parceiros.

3. Sobre a enquete

Em 2010, realizamos uma enquete por *email* com 130 repórteres de 51 jornais em 49 municípios do Rio Grande do Sul e

três jornais de referência – *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *Zero Hora*. Os resultados revelaram redações em que a grande maioria dos profissionais possui formação superior em Jornalismo, além de evidenciar a semelhança entre as redações em que se encontram os jornalistas ouvidos.

Um dado importante a ser considerado é o de que os repórteres ainda em processo de formação, entre o primeiro grupo, correspondem a 19,3% dos respondentes e no segundo a 8,2%. No interior, 52,6% são graduados em Comunicação Social – Jornalismo e 15,8% possuem pós-graduação na área, frente a 1,8% com formação em outro curso; enquanto nos jornais de referência identificamos um percentual de 60,3% de graduados e outros 16,4% de pós-graduados em Comunicação Social – Jornalismo diante de 8,2% de graduados em outra área.

De um modo geral, a escuta dos dois grupos de repórteres, a partir do questionário, ofereceu-nos um mapa das redações e evidenciou mais regularidades que diferenças entre o universo conformado por repórteres de jornais do interior gaúcho e pelos profissionais dos jornais *Zero Hora*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*.

Particularmente, em relação à questão de número 30 (conforme pode ser visto na tabela a seguir), “Você se considera” foram oferecidas as alternativas: “um escritor”, “um vigia do poder público”, “um trabalhador assalariado” ou “um intelectual mal remunerado”. Em ambas as fases, os respondentes indicaram preferencialmente a opção “um trabalhador assalariado” (31,6% fase 1; 42,5%, fase 2), corroborando os resultados obtidos por Hercovitz e Cardoso, em que o salário foi mencionado por 91% dos respondentes como o fator mais importante para a satisfação no trabalho (HERCOVITZ; CARDOSO, 1998). Entre os repórteres do interior, a segunda alternativa escolhida foi “um escritor” com 29,8% de preferência; enquanto entre os profissionais dos jornais de referência, a segunda alternativa mais indicada foi “um vigia do poder público” com 28,8%.

Tabela 1: Respostas dos entrevistados à questão 30. Você se considera:

	1ª fase - interior	2ª fase - referência
Um escritor	29,8	14,5
Um vigia do poder público	12,3	28,8
Um trabalhador assalariado	31,6	44,9
Um intelectual mal remunerado	23,6	10,1

Fonte: *pesquisadores*

A aplicação do questionário trouxe à pesquisa dados quantitativos que foram desdobrados, posteriormente, de maneira qualitativa nas entrevistas abertas realizadas com jornalistas brasileiros e estrangeiros (ver demais trabalhos publicados como resultado da investigação).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessas incursões restritas e pontuais em reflexões e pesquisas dedicadas ao jornalista, é possível esboçar considerações de duas ordens. Em relação ao pequeno inventário das pesquisas globais e regionais, esse inventário sinaliza o interesse pela profissão em diferentes movimentos de pesquisa em que alguns pesquisadores brasileiros e latino-americanos estão inscritos. Chama a atenção o fato de, no Brasil, ainda trabalharmos pouco em rede ou entre grupos de diferentes universidades, ainda que esse seja um processo hoje em andamento. Talvez seja necessário, conforme disse Sônia Virgínia Moreira, no encontro da SBP/Jor (2011, p. 9), “estimular a realização de pesquisas comparadas de realidades locais, regionais em estudos colaborativos no sentido de circulação do conhecimento e como forma de construção de identidades”.

Além disso, parece-me que um olhar direcionado ao local expõe sinuosidades que já deviam ser cogitadas por Weber, quando pensou em ouvir jornalistas, em 1910. Inclusive, na sociologia das profissões, a escuta do jornalista como uma via para a compreensão do jornalismo firmou-se com o já clássico *A produção da notícia*, de Gaye Tuchman (1983).

Mais particularmente, com meus movimentos de pesquisa, encontrei um jornalista que pensa sobre o processo de produção e que é reconhecido e seguido em seu trabalho autoral. Encontrei também jornalistas formalmente invisibilizados por estratégias discursivas da objetividade jornalística, que produzem relatos que se dobram sobre múltiplas coações e controles. Nas entrevistas, por exemplo, os jornalistas reconheceram isso, mas também desenharam um jornalista resistente e um jornalismo que está mais distante do marco da objetividade e mais próximo do pensamento contemporâneo.

Para finalizar, proponho deixar em aberto uma questão que emergiu durante uma entrevista do projeto e sobre a qual só se pode conjecturar, que diz respeito ao jornalista brasileiro em um futuro próximo. Nessa perspectiva, para encontrar respostas, a pesquisa deve se debruçar sobre as repercussões na profissão das políticas do

governo, das novas decisões sobre a obrigatoriedade ou não do diploma em jornalismo para a carreira, das ambiências tecnológicas. Em tal contexto histórico, uma questão pode ser levantada: será que a ação dos blogueiros e a entrada nas universidades federais de grupos menos favorecidos vão alterar o perfil do jornalista brasileiro? Eliane Brum, que foi entrevistada em 2011, no escopo de meu projeto de pesquisa, acredita que sim, que as redações brasileiras de jovens brancos, classe média, estão com os dias contados.

Há quase que uma mesma visão de mundo dentro das redações, o que resulta em um jornalismo que fala de um lugar só. Não há diversidade dentro das redações, e isso empobrece enormemente o jornalismo. Hoje, na internet, consegue ver outro tipo de cobertura, com outro tipo de preocupação, mas se fores pegar os jornais, as revistas, é uma visão de classe média, dos problemas da classe média, as coisas que preocupam a classe média ou as coisas que os jornalistas de classe média pensam que preocupam os leitores de classe média. A gente não tem imprensa nacional, também. O que se chama de imprensa nacional é a imprensa do Rio-São Paulo-Brasília. Ninguém sabe o que está acontecendo na periferia do Brasil, e está acontecendo um montão de coisas. Então, talvez, o jornalismo agora comece a ser enriquecido, alargado. A classe C vem vindo aí, a internet está alterando as relações, acho que isso começa a mudar. Por exemplo, hoje há uma rede de blogueiros no norte do país que está "dando furo" e levando os absurdos que acontecem lá para fora das fronteiras. Porque a imprensa tradicional, especialmente a do Norte, depende quase que exclusivamente da publicidade dos governos. Então, nada saía. No Acre, Amapá, quem está fazendo jornalismo são blogueiros como Altino Machado e Alcineia Cavalcante, e isso mexeu com as relações de poder. Tem muita coisa interessante acontecendo, mudando, e isso é maravilhoso. Não sei o quanto as pessoas se dão conta do privilégio que é viver nesse momento histórico (BRUM apud MAROCCO, 2012, p. 91).

Logo, as ações que ocorrem na internet sinalizam efetivamente mudanças no modo de trabalho com a informação. Desse modo, estruturas, equipamentos e capital podem ser substituídos por um computador pessoal e por blogueiros que se contrapõem ao discurso dominante. Mas até onde esse redesenho, nas condições históricas de possibilidade, afetou e afetará a prática do jornalismo é o que ainda está por ser mostrado pela pesquisa. Por enquanto, os sintomas pontuais, tão bem elencadas por uma repórter que se especializou em garimpar as idiossincrasias do outro, convivem mundialmente com os achados científicos que vêm constatando sintomas evidentes de precarização da profissão, crise nos meios e sintomas de oxigenação das práticas por força dos *outsiders* que até agora blasfemaram, mas não abalaram as estruturas do sistema.

REFERÊNCIAS

- BALZAC, Honoré. **Ilusiones perdidas**. Madrid: Punto de Lectura, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 183-192.
- CONDE, Maria Rosa Berganza. **Comunicación, opinión pública y prensa en la sociología de Robert E. Park**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas/Siglo Veintiuno, 2000.
- DARNTON, Robert. Toda notícia que couber a gente publica. In: **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- DENT, Chris. 2008. 'Journalists are the confessors of the public', says one Foucaultian. **Journalism**: 9: 200-219.
- DEUZE, Marc. 2005. What is journalism?: Professional identity and ideology of journalism reconsidered. **Journalism**, v. 6, p. 442-464.
- GUIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- HANITZSCH, Thomas. Deconstructing journalism culture: toward a universal theory. **Communication Theory**. 2007. v. 17 , n. 4, p. 367-385.
- HERSCOVITZ, Heloiza; CARDOSO, Adalberto M. The Brazilian Journalist. In: WEAVER, David H. (Org.). **The global journalist**. Cresskill: Hampton Press, 1998. p. 417-432.
- HIAASEN, Carl. **Caso perdido**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Recordações do escrívão Isaías Caminha**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática**. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- MOREIRA, Sonia Virginia. Mundos do Jornalismo, uma pesquisa colaborativa internacional em rede. **Anais do 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Rio de Janeiro: ECO - Universidade Federal do Rio de Janeiro, novembro de 2011.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. Entrevista. Worlds of journalism. Projeto pioneiro de estudo comparado em Jornalismo. **Revista da Intercom**, v. 32, n. 2, jul./dez. 2009.
- PARK, Robert. The natural history of the newspaper. **The American Journal of Sociology**. v. XXIX, n. 3, nov. 1923. p. 273-289.
- PEREIRA, Fábio Henrique. **Os jornalistas-intelectuais no Brasil**: identidade, práticas e transformações no mundo social. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- PERFIL PROFISSIONAL DO JORNALISMO BRASILEIRO**. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Disponível: <http://perfildojornalista.ufsc.br/>. Acesso: 10/11/2012.
- TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus,

1992.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**. México, D.F.: Editorial Gustavo Gili, 1983.

WEAVER, David (Org.). **The global journalist**. News people around the world. New Jersey: Hampton Press, 1998.

WEBER, Max. Sociologia da imprensa: um problema de pesquisa. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa. **A era glacial do jornalismo**. v. 1. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 34-44.

WILDER, Billy. **A montanha dos sete abutres** (Ace in The Hole). EUA, P&B, 111', 1951.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. *Jornalismo 2000*. **Revista de Comunicação e Linguagens**. n. 27. p. 31-61.

Beatriz Marocco é docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: beatrizmarocco@uol.com.br

RECEBIDO EM: 04/04/2013 | ACEITO EM: 01/06/2013